

O CRONOTOPO CONSTITUINDO O SUJEITO E O SENTIDO DO TEXTO “PESSACH: A TRAVESSIA”, DE CARLOS HEITOR CONY.

Marilurdes Cruz BORGES¹ (UNIFRAN)
Maria Sílvia Olivi LOUZADA (UNIFRAN) (orientadora).

RESUMO: Neste trabalho, analisa-se o cronotopo no romance "*Pessach: a travessia*", de Carlos Heitor Cony, a partir das concepções bakhtinianas sobre a plenitude e a precisão da visibilidade do tempo no espaço. Acredita-se que o cronotopo que engendra essa narrativa, além de ser condição para a constituição do sujeito e do sentido do texto, também contribui para a construção da história e da memória (M. Pêcheux) brasileira. Observa-se que, no próprio título: “Pessach” (passar por cima) — cronotopo da crise, da mudança de vida e da ideologia; “a travessia” — cronotopo que irá interferir nas concepções ideológicas do sujeito.

ABSTRACT: Neste trabalho, analisa-se o cronotopo no romance "*Pessach: a travessia*", de Carlos Heitor Cony, a partir das concepções bakhtinianas sobre a plenitude e a precisão da visibilidade do tempo no espaço. Acredita-se que o cronotopo que engendra essa narrativa, além de ser condição para a constituição do sujeito e do sentido do texto, também contribui para a construção da história e da memória (M. Pêcheux) brasileira. Observa-se que, no próprio título: “Pessach” (passar por cima) — cronotopo da crise, da mudança de vida e da ideologia; “a travessia” — cronotopo que irá interferir nas concepções ideológicas do sujeito

1. Introdução:

Este estudo tem por objetivo investigar a constituição do sujeito enunciador e o sentido do texto “*Pessach: a travessia*”, de Carlos Heitor Cony a partir das investigações dos cronotopos de acordo com as concepções bakhtinianas.

A escolha pelo estudo dos cronotopos surgiu, inicialmente, por este ser uma categoria da forma e do conteúdo na literatura, objeto de nosso estudo, além de que o tempo acoplado ao espaço constitui o homem e suas transformações ao longo da vida.

Também consideramos interessante investigar o cronotopo neste romance porque, para a AD, a noção de história é fundamental e o sujeito é essencialmente histórico por ser sua fala produzida a partir de um determinado lugar e de um determinado tempo ideológico, porque sua fala é recorte das representações de um tempo histórico e de um espaço social.

Observaremos, portanto, como a enunciação constitui o sujeito, sujeito este que só constrói sua identidade na interação com o outro.

2. Pressuposto teóricos:

Por meio do conceito bakhtiniano de cronotopo, vamos analisar a relação espaço-tempo no romance “*Pessach: a travessia*”, de Carlos Heitor Cony. Essa decisão se deveu por o cronotopo ser uma categoria da forma e do conteúdo na literatura, sendo que Bakhtin considera que é a concepção de tempo que traz em si a concepção de homem, portanto, a cada momento novo tem-se um homem novo.

De acordo com Amorim (2006, p. 103):

O tempo, conforme já indicamos, é a dimensão do movimento, da transformação e, várias vezes nesse ensaio, vemos Bakhtin analisar a natureza da metamorfose a que é submetido o herói. Por exemplo: identifica a metamorfose por crise, a metamorfose da prova e assim por diante. Em todos os casos estamos diante de uma análise que põe em relevo a relação alteração/identidade.

No desenvolvimento da enunciação, o tempo e o espaço desempenham funções edificantes na construção do enunciado e do enunciador. Sendo que o tempo é o elemento responsável pela ordem interna

¹ marilurdescruz@unifran.br. — Mestranda do Programa de Mestrado em Linguística da Universidade de Franca – UNIFRAN.

das ações, enquanto o espaço trabalha com o exterior, por onde a ação perpassa. Assim, a imagem literária se concretiza na cronotopicidade, ou seja, a partir do elemento espaço-temporal. De acordo com Bakhtin, na literatura encontram-se múltiplos tempos que correspondem a diferentes indivíduos e às diferentes esferas de suas atividades.

O enunciador, na construção de seu enunciado, considera um dado real ou ficcional e um espaço de tempo verossímil para desenvolver sua história. O tempo do discurso pode ser linear, enquanto o tempo da história é pluridimensional.

Segundo Bakhtin (2000, p. 259):

Os vestígios autênticos, os indícios da história remetem sempre ao humano e à necessidade — é onde o espaço e o tempo estão unidos num vínculo indissolúvel. Na visão completa, totalizadora de Goethe, o espaço terrestre e a história humana são inseparáveis, e isso se transmite à obra, conferindo intensidade e materialidade ao tempo histórico, humanidade impregnada de pensamento ao espaço.

Por isso, o tempo possui um poder produtivo e criador, pois ele dá forma e sentido às coisas existentes. De acordo com Bakhtin (2000) tudo que tem vida é marcado pela ação do tempo, por isso, os cenários — espaços no enunciado — participam da composição temporal, são elementos da ação e da evolução enunciativa.

Conforme Bakhtin (2000, p. 263):

A grande forma épica (a grande epopéia), que abrange também o romance, deve proporcionar uma imagem de conjunto do mundo e da vida, deve refletir o mundo e a vida por inteiro. O romance deve apresentar a imagem global do mundo e da vida pelo ângulo de uma época considerada em sua integridade. Os acontecimentos representados, no romance, devem, de um modo ou de outro, substituir toda a vida de uma época. É nessa aptidão para fornecer um substituto ao todo da realidade que reside sua substancialidade artística.

Na criação artística, há no mínimo duas vozes que projetam em si o seu mundo, ou seja, o espaço e o tempo que são próprios de cada um, pois cada ser tem sua própria vivência e seu jeito único de conhecer e mostrar a vida.

Segundo Pêcheux (apud Brandão, 2004 p.77):

O sentido de uma palavra, expressão, proposição não existe em si mesmo (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante), mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que palavras, expressões, proposições são produzidas (isto é, reproduzidas).

3. Análise do cronotopo em “Pessach: a travessia”

O romance “Pessach: a travessia”, de Carlos Heitor Cony, publicado em 1967, traz à memória a década de 1960, especificamente após o golpe militar aplicado em 31 de março de 1964 no Brasil. Esta década representou, para muitos brasileiros, tempos de mudanças e de sofrimentos, pois viam-se tolhidos da liberdade de expressão e lutavam para recobrá-la. Esse momento histórico permanece indelével através da memória, da história e da literatura.

Neste romance, vemos enunciada a luta revolucionária pós-1964 por meio da audácia das figuras guerrilheiras que sintetizam, de alguma maneira, os jovens estudantes, profissionais liberais e ex-militares, envolvidos na possibilidade de um contragolpe, além de observar, na figura do enunciador, o comportamento de alguns intelectuais que não se comprometiam com os assuntos políticos e sociais da época.

Em “Pessach: a travessia”, a enunciação pode ser dividida em duas partes:

A primeira “Pessach” — significa a festa da “passagem” judaica, quando se comemora a saída do povo judeu da escravidão egípcia, aproximadamente no século XII a.C.. Parte, portanto, que representa a liberdade.

A segunda “a travessia” — a passagem propriamente dita, alegoria da travessia do mar vermelho, quando os judeus alcançaram os quarenta dias no deserto, conduzidos por Moisés, à espera da Terra Prometida.

A presente análise se restringirá apenas à primeira parte do romance, na qual, temos enunciado, primeiramente, um cronotopo marcado pelo tempo da memória e da reflexão (vozes interiores) em um

espaço uno, dentro de um apartamento. Na seqüência, espaços exteriores associados a diálogos com familiares e amigos (vozes exteriores).

O início da enunciação, no romance, apresenta marcadores temporais no presente do indicativo, momento este vivido e enunciado por Paulo Simões. “Hoje, 14 de março de 1966, faço quarenta anos” (Cony, 1997, p.7).

Embora a enunciação represente o tempo do enunciador, observa-se que o que determina o cronotopo e as sensações presentes é um tempo passado: “Sinto-me suficientemente maduro para aceitá-la com honestidade e coragem, mas não estou pronto, ainda, para assimilá-la como um fato de rotina, inexorável”(Cony, 1997, p.7). A palavra “maduro” acarreta um passado vivido, experimentado, pois só se amadurece a partir de experiências vividas. Já na expressão “assimilá-la como um fato de rotina, inexorável” representa não só assimilar a idade presente “hoje”, mas, como a rotina é algo que perdura por um tempo, um “hoje” e um “amanhã” contínuo.

Também é possível observar o passado e o futuro compondo o presente como no fragmento: “Se tivesse coragem de começar a vida novamente, é possível que não repetisse alguns enganos e acertos, mas, de qualquer forma, gostaria de repetir esta disponibilidade em que estou agora, no vértice da outra metade” (Cony, 1997, p.7). O enunciador, neste fragmento, vive o presente pensando no futuro, mas observando o passado e seus erros, sendo assim, o tempo da enunciação está marcado pela aglutinação temporal – futuro/presente/passado. Ao dizer que está “no vértice da outra metade”, o enunciador afirma que metade de sua vida já foi concluída, demonstrando um espaço existencial, marcado pela metade, como se sua vida estivesse programada há 80 anos.

O espaço existencial marcado pela metade da vida é retomado pela lembrança de fatos ocorridos aos 20 anos: “A pátria é uma droga. Lembro o aniversário que passei em manobras, quando fazia estágio para oficial da reserva. Foi meu décimo nono ou meu vigésimo aniversário, talvez a metade exata de minha vida até agora” (Cony, 1997, p.8). Destaca-se que o valor atribuído pelo enunciador no momento da enunciação sobre a pátria foi formulado em um momento anterior, como dito por ele mesmo, “talvez a metade exata de minha vida até agora”. Isto nos remete ao sentido de que ele havia construído uma identidade há vinte anos que poderá ser mantida ou não no futuro que se aproxima.

O outro grupo aceitava ou admirava a caserna e assim ficávamos divididos em crentes e hereges, caxias e subversivos. Eu não conseguia pertencer a nenhum dos grupos. Interiormente, queria que o exército e a pátria fossem para o diabo. Mas também queria acabar com aquilo, o mais rápido e cômodo possível. Cumpria os regulamentos e me detestava por isso. Para os crentes, eu era hipócrita, Para os hereges, era quase crente. Ficava assim onde queria: no meio. Sozinho. (CONY, 1997, p.11)

O enunciador retoma uma frase ouvida no passado a fim de elaborar respostas e se posicionar frente às propostas que lhe virão de Sílvio, um amigo revolucionário. Assim, o diálogo com vozes de outros do passado se projetarão na voz do enunciador para justificar sua ideologia no momento presente. Novamente, é o passado que construiu o presente e projeta o futuro.

‘A Pátria exige sacrifícios de todos nós!’ A frase que posso ouvir novamente, vinte anos depois, da boca de Sílvio, que daqui a pouco estará aqui. Tanto o coronel como Sílvio são patriotas, à sua maneira. Eu continuo o mesmo: sozinho. Já não preciso parecer hipócrita para desagradar a uns, ou crente, para agradar a outros. (CONY, 1997, p.14)

Observa-se que ao lembrar um posicionamento assumido no passado, o que o enunciador está fazendo neste diálogo interior é refletir sobre seu posicionamento atual. Paulo é um escritor e, embora tenha algumas idéias para um novo romance, está indeciso e desmotivado.

Quem sabe se não é chegada a hora de descer a fundo no velho projeto que me persegue há tempos? A crônica de um judeu assimilado que não teve coragem de retornar às origens, nem covardia bastante para continuar escondido? (CONY, 1967, p. 15)

O discurso interior do enunciador é uma tentativa de se autodescobrir. Parece-nos que os quarenta anos representam uma idade de posicionamento e decisão para um futuro. Então, Paulo está tentando observar suas crenças e pensamentos do passado para pesar sobre o que ficou e o que ficará em si para o futuro — a outra metade.

A descrição espaço-temporal daquela manhã interfere e se projeta para o interior da personagem porque representa o início de seu dia, seus quarenta anos, ou início de uma nova vida, acoplado a uma visão restrita, limitada, embaçada de sua vida e de seu futuro.

São oito e meia. Levanto-me e olho o dia. Está nublado, é possível que chova mais tarde, a temperatura lá fora deve estar menos quente, sinto doloroso o ar refrigerado. Vou ao aparelho, aperto o botão de cima. O motor pára bruscamente e o silêncio, de repente, é um cúmplice. O som da buzina vem de fora e ressoa no apartamento, que agora me parece oco. Abro o janelão para expulsar o frio que me incomoda. Tinha razão: o ar que entra não é aquele bafo pastoso de ontem. Há uma aragem morna. O dia triste e cinzento espera-me, lá fora. E, juntos, vamos comemorar os meus quarenta anos. (CONY, 1967, p. 16)

O movimento exterior ao apartamento — o som, o ar — serve-lhe de instrumento para recobrar o mundo real, voltar ao presente, abandonar seu diálogo interior. Conforme Amorim (2006) o cenário exterior também dialoga com o sujeito contribuindo para sua transformação. Aqui as descrições do tempo físico “nublado”, do barulho “buzina” e do espaço exterior constitui não só o espaço físico, mas o exterior do enunciador. É, pois o tempo psicológico e o tempo presente simultaneamente que conduzem o enunciador a perceber que algo em si irá mudar, ele está diante da passagem.

No banheiro, espio a minha cara. Não é, basicamente, diferente da de ontem, nem da dos últimos tempos. Mas há nos olhos certo embaciamento, talvez a idade, talvez resto de sono. De qualquer forma, é sempre um estranho que vejo no espelho. (CONY, 1967, p. 16)

Paulo já não mais se reconhece no espelho, questiona-se se já o conheceu algum dia. Observa-se que, junto à voz do enunciador, outras vozes são projetadas ao dizer que não se reconhece mais. Mesmo em dúvidas, conflitos e anseios, Paulo decide enfrentar seu destino, sua passagem e travessia, Cony (1967, p. 28) “Uma submissão miserável me atira para a frente e enfrento o meu dia”.

O encontro de Paulo com Sílvio dá início aos vários diálogos com outros sujeitos que contribuirão para a transformação do enunciador no romance. Segundo Bakhtin (apud Amorim, 2006, p. 105) “quando, em uma obra qualquer, se ouvem vozes, ouvem-se também, com elas, mundo: cada um com o espaço e o tempo que lhe são próprios”.

— Paulo, você, como todos nós, está na encruzilhada. O país, a humanidade, estão na encruzilhada. Só há duas atitudes: ou ficamos sentados, à beira da estrada, sem tomar nenhum dos caminhos, ou optamos por um deles. Creio que você como homem e como escritor, não gostará de ficar sentado. Afinal, você não se preparou durante tantos anos para, na idade madura, sentar-se à beira da estrada. Assim, só lhe restam os dois caminhos, que são a outra ponta da alternativa inicial. Pois venho propor o meu caminho, que pode ser o nosso caminho: numa palavra simples, pequena e perigosa, a luta. (CONY, 1967, p. 29)

Destaca-se que na fala de Sílvio emanam vozes esquerdistas, que exigiam dos intelectuais da época um posicionamento crítico. O homem não poderia cruzar os braços e ver a opressão e a ditadura tomarem conta do Brasil.

O espaço do enunciador, até então, estava restrito a um só ambiente, o apartamento, nele o tempo psicológico predomina sobre o espaço. Quando Paulo decide iniciar sua passagem e desloca-se para o exterior de seu apartamento, observa-se o espaço social interferindo na passagem do enunciador.

Fora do apartamento, o primeiro encontro que Paulo tem é com sua filha, Ana Maria, que embora viva em um colégio interno, tem acesso a cartas e livros sobre a situação do Brasil e países vizinhos. Ela também cobrará do pai uma atitude compromissada.

— Bem, de qualquer forma, vou estudar sociologia. Temos aqui dentro um grupo de esquerda, pai, não é legal?
— De esquerda?
— No duro. As freiras chamam a gente de comunistas. Somos contra o governo e a favor dos pobres.
— Isso não chega a ser um pensamento de esquerda. Contra o governo muita gente é, a favor dos pobres, todo mundo é, inclusive as freiras. O problema é não se aceitar a miséria num mundo que bem administrado daria para todos.

— Pode deixar que já estudei isso. O pai de uma garota daqui está exilado no Chile. Ela recebe literatura subversiva, já li muita coisa. Papai, eu acho você um bocado alienado! (CONY, 1967, p. 52)

Em visita aos pais, o enunciador conecta-se à sua origem, os valores e medos de seus ascendentes, mas vê-se diante da morte, a mãe tomada por um câncer no útero — espaço que o gerou e o abrigou, e o pai, à mão, com três comprimidos de cianureto.

Em compensação, tenho no bolso duas coisas que pesam: o envelope de papel impermeável com o comprimido de cianureto e o papel em que o médico fez o croqui de minha mãe. Não deixa de ser um princípio e um fim, o alfa e o ômega de um homem. (CONY, 1967, p. 96).

È o primeiro momento em que o enunciador observa a vida e a morte, elementos que constituem o indivíduo. O espaço do útero que o gerou agora é o espaço da deterioração e os comprimidos de cianuretos representam o elemento que romperá com a vida. Novamente, destaca-se a voz histórica, pois tudo que nasce, morre, acaba.

Paulo reencontra, na casa de sua ex-esposa, antigas anotações de um possível romance. Esses escritos com anotações sobre o povo judeu o incitam a buscar pela passagem e fazer a travessia.

Lembro perfeitamente: havia coisa de dez anos, iniciara um romance. Tomara, como exemplo, o próprio pai, o homem que traía suas origens. A idéia não fora avante, eu esboçara algumas páginas, algumas situações — e esquecera tudo. Ficara apenas a idéia central, que um dia pretendia retomar, aproveitando e ampliando a temática central, enquadrando-a dentro da passagem do Êxodo, a noite em que todo um povo resolve abandonar o cativeiro às margens do Nilo e partir para o deserto, para as pedras e as montanhas do deserto. Essa noite, que decidi a história de um povo — e foi, até certo ponto, a noite mais importante do mundo —, seria diluída em acontecimento menor, individual: um homem escolheria a árdua caminhada pelo deserto, em busca de uma terra que jamais alcançaria. Seria essa a sua passagem, a sua travessia: conquistar a liberdade — ou a paz — e o importante não era a conquista em si, mas a travessia, a busca — os pães não fermentados — e repudiar o cativeiro, a passividade escrava, o grilhão. (CONY, 1967, p. 87/88).

O enunciador tinha, no passado, planos de escrever sobre o êxodo judeu, o que representava o repúdio à passividade; agora não compreende porque se apassivou diante a vida, tornou-se um ser acomodado, sem pretensões. Nos antigos escritos, estão presentes um sujeito ainda não adaptado às convenções sociais, sujeito ideológico que se preocupava com as classes oprimidas. Esse sujeito adormecido no enunciador começa a despertar.

Neste dia, seus quarenta anos não lhe permitem viver apenas seu tempo físico, pragmático, cotidiano. Seus pensamentos o conduzem à libertação. “Faço o gesto tolo, ‘não ligue para isso’ — e atiro ao carro, como à jangada que me liberte de um exílio e de uma herança, pesada demais para carregar, minha o bastante para sofrê-la sem aceitá-la” (CONY, 1967, p. 94).

Segundo Pêcheux (2006, p. 33) “o sujeito pragmático (...) tem por si mesmo uma imperiosa necessidade de homogeneidade lógica: isto se marca pela existência dessa multiplicidade de pequenos sistemas lógicos portáteis que vão da gestão cotidiana da existência”.

Enquanto Paulo anda pela cidade, observa o trânsito engarrafado, a multidão que transita pelas ruas. O espaço por onde passa, não lhe é mais exterior, é símbolo da sua complexidade interior. O túnel é estreito, abafado e possui duas extremidades — a entrada e a saída, assim como está o seu Ser: alguém que está no túnel da vida e ficou preso ao engarrafamento, isso não é uma situação estável e nem inalterada, significa apenas uma etapa. Sair do túnel é imprescindível. Deve, pois, alcançar a saída, reencontrar a luz — a sua transformação.

Apanho o trânsito pesado. Apesar das pistas do Aterro, há engarrafamentos junto aos túneis. Não tenho pressa: tanto faz chegar como não chegar. O importante é ter um destino, iniciar a travessia. Podia ter ficado na cidade mais um pouco, ido ao bar tomar alguma coisa, se fosse dado a gentileza, poderia ter convidado o editor para os drinques em homenagem a mim mesmo, aos meus quarenta anos. (CONY, 1967, p. 108).

O cronotopo da rua, trânsito carregado, indica a própria confusão em que estão os pensamentos e reflexões do enunciador. Assim, todo o percurso que a personagem fez neste dia em que completa quarenta anos, produz o sentido da purificação. Tudo é passagem. Ao sair de casa, após a visita de Sílvio e Vera – os dois líderes que foram convidá-lo para participar da luta armada – vai ao Colégio onde estuda a filha, passa pela casa da ex-esposa, pela casa dos pais e tem contato com a morte no final do dia, antes da chegada da noite. Neste percurso, sabe que está sendo seguido, tanto na consciência, quanto fisicamente, pela proposta de se libertar da escravidão pessoal assumindo a luta pela causa política. É como se Paulo Simões estivesse se despedindo de um passado de quarenta anos para começar vida nova.

O espaço percorrido pela personagem é fonte organizadora de sua experiência cognoscitiva, ele contribui para que Paulo sinta vontade de buscar um novo Ser em si mesmo.

[...] quero tomar um banho frio e demorado, para descansar os nervos, embora não esteja nervoso, apenas irritado com tudo: o dia estragado, a conversa de Sílvio, a ida ao colégio, os pagãos da Manchúria,? [...] Este papel, em minha mesa, me ensinará humildade e ira [...] Olho-me no espelho e vejo a minha nudez. Ali está: um homem nu e abandonado que cumpriu sua missão de viver quarenta anos — o espaço suficiente para a geração do deserto preparar-se para a Terra da Promissão. Não me preparei para nada, não tenho pela frente a perspectiva de um deserto ou de uma promessa. (CONY, 1967, p. 110-111)

Um novo dia se instaura, a passagem já foi concluída, Paulo já completou seus quarenta anos de vida, agora deve percorrer o caminho de sua travessia, é a outra metade que se inicia.

Acordo com a claridade do dia, esquecera de fechar as janelas. Ainda bem: saio de casa mais cedo, antes que Teresa resolva aparecer. Visto-me rapidamente, jogo na mala alguma roupa, vou ao gabinete, escrevo um bilhete para Teresa e outro para a empregada que vem fazer a limpeza.. Passarei no posto, lubrificarei o carro, devo prepará-lo para a viagem. Não tenho tempo de fermentar o pão, mas terei tempo de lubrificar o carro. (CONY, 1967, p. 130).

A descrição deste novo dia é diferente do dia anterior, há claridade e brilho, como se Paulo enxergasse tudo nitidamente, tivesse agora autonomia de suas decisões. Destaca-se o fragmento “não tenho tempo de fermentar o pão” para explicitar que o enunciador já está transformado, pois não necessita mais fermentar, esperar a transformação de “massa” em “pão”.

Duas afirmações nesta descrição são fundamentais para a compreensão do romance. A personagem já prevê que não voltará para casa e que entrará no mundo. Em outros termos, o final do enredo se antecipa implicitamente nestas duas constatações do enunciador. Ao entrar para a luta armada, sabe que jamais poderá ocupar novamente a casa e mesmo assim se considera pronto. São quarenta anos.

4. Considerações Finais.

Como o conceito de cronotopo é determinado pela produção da história e designa um lugar coletivo, vemos em *Pessach: a travessia* este lugar no momento histórico enunciado, pós-1964, tempo da ditadura no Brasil. As vozes coletivas que emanam nesse enunciado são vozes de dois grupos sociais, aqueles que são alienados, ou não querem se ocupar dos problemas sociais, e outras vozes que lutam para a queda da ditadura.

Assim, no sujeito Paulo é possível conhecer figuras históricas de intelectuais da época que, conscientes da situação política e social do país, estavam acomodados, preocupados consigo mesmos, mas estavam sendo questionados e cobrados para assumirem uma postura mais engajada e comprometida.

Segundo Bakhtin, o tempo é o campo das transformações e dos acontecimentos; na primeira parte do romance “*Pessach*”, o tempo passado vivido pelo enunciador explicita acontecimentos que contribuíram para a transformação deste, determinado juntamente com o presente, o futuro Ser que será constituído ao longo da narrativa.

5. Referências Bibliográficas.

AMORIM, Marília. Cronotopo e exotopia. In: BRAIT, Beth. *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Trad. Maria Ermantina Galvão. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. *Introdução à análise do discurso*. 2.ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

PÊCHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Trad. Eni P. Orlando. 4.ed. Campinas: Pontes Editores, 2006.